Colóquio da Convergência - Paris 2019
"Crise dans la culture" "Crise na cultura"
Autora María Clara Areta / Diretora da EFmdp

Os modernos caçadores

Agradeço à Convergência e, nesta ocasião, especialmente aos organizadores da reunião da CEG e deste Colóquio que estamos desenvolvendo em Paris. Agradeço também aos que estão aqui para participar desta atividade.

Vou fazer um breve comentário a partir da articulação dos textos freudianos "O mal-estar na cultura" e "Psicopatologia da vida cotidiana". Esses dois textos me permitem entender o mal-estar na vida cotidiana e a psicopatologia, a sintomatologia (embora não sejam sinônimos, me permitem realizar esta operação) da cultura.

Falo de crises como mudanças em plural, porque pensá-lo em singular, e articular em uma única crise as múltiplas mudanças na nossa vida, é uma tarefa que me excede completamente.

Crise na cultura: O que é o novo? O que é o disruptivo? Alguns comentários.

Política das Nações e política do sexual

Psicanálise e política começam com a letra p. E nós, que praticamos a análise temos grande atração pelas letras, pela diferença entre maiúsculas e minúsculas, e pelas homofonias… Bem, nós, que praticamos a psicanálise temos uma grande sensibilidade frente às diferenças, os sons e os sentidos.

A política da psicanálise é a política do sintoma, repetimos, mas é conveniente em algumas oportunidades – esta, por exemplo – perguntar-se de novo o que significa essa afirmação elevada à categoria de máxima lacaniana.

No Seminário X, Lacan diz "Se o sintoma é o que dizemos, ou seja, inteiramente implicável no processo da constituição do sujeito na medida em que ele tem que ser feito no lugar do Outro,..."

E eu me interesso pela leitura que, ao fazer um corte, permite ler **"Se o sintoma é o que dizemos"**.

Interessa-me esta versão do sintoma porque **"Se o sintoma é o que dizemos, a psicanálise, poderia se dizer, é uma política do que se diz como enunciado e como enunciação".**

Desta forma, despatologizamos o sintoma, mas o enodamos eticamente ao real… Quando digo eticamente, digo o enodamos como laço social, como discurso do Outro e com o pequeno outro. Freud culturalizou o sintoma e sintomatizou a cultura.

Da mesma forma que com "o grande H" designou-se a História (com maiúscula) e com o "pequeno h", a histeria (história com minúscula), seria possível dizer que "o grande P" é a Política das Nações e o "pequeno p" é a política da psicanálise?

A letra p tem toda uma significação na Argentina. O grande P e o pequeno p têm seu pequeno h na Argentina.

Embora ultimamente tenha ocorrido uma mudança no estado da língua, o insulto mais popular no meu país, o insulto dos insultos, até agora, tem sido "Filho da grande puta" ("*hijo de la gran puta"*), que as pessoas educadas, de forma mais conservadora, buscam abreviar… dizendo "Filho da grande p…" Até mesmo, frequentemente, é dito não como insulto, mas como reconhecimento à inteligência e sagacidade, picardia de outra pessoa, ou seja, como reconhecimento à esperteza dos argentinos ("*viveza criolla*").

A palavra "*puteada*" é quase um sinônimo da palavra "*insulto*" na Argentina, e também - por que não? – o contrário: uma prova do alto grau de reconhecimento ao interlocutor.

Atualmente, quando é utilizado como forma de injúria "*Hijo de la gran puta*" virou - em alguns setores mais progressistas - "*Hijo de la gran yuta*". A palavra "*yuta*", que apresenta homofonia com "*puta*", é uma das formas de designar a polícia, na gíria do Rio da Prata, o lunfardo.

Esta mudança linguística evidencia que, nos nossos dias, a canalhice dos filhos não é completamente atribuível ao gozo da mãe. Como mudaram as coisas! Verdadeira crise da cultura patriarcal!

O movimento feminista que conduz o discurso sobre gêneros é um dos fatores mais importante na atual crise da cultura.

Amplos setores da sociedade consideram que a autodeterminação do sexo é uma escolha absolutamente livre, independente, sem nenhuma variável ligada.

Não é um tema que eu queira aprofundar aqui, mas é uma questão que não posso deixar de enunciar aqui. Conversando com meu amigo, o escritor e jornalista Alejandro Seselovsky, sobre o título destas jornadas, ele falou: "Ah, você vai falar do feminismo. O primeiro que diria é que as organizações de mulheres, tanto na Argentina quanto nos outros países do mundo, estão produzindo uma revolução cujo porte - ou seja, sua anatomia - frente ao processo da história, pode ser comparado ao de outras grandes revoluções como a francesa, a industrial, a russa ou a cubana. Todos acontecimentos maiores que vêm reescrever nossas vidas". Contundente, meu amigo.

A transcultura já não é entendida, em primeiro lugar, como o movimento que representa ir de um país para outro, mas a migração sexual.

A transcultura é a cultura de hoje. Disso é possível deduzir que a cultura é sexual, como observou e nos ensinou Freud há mais de cem anos. Não ser receptivo ao transexual hoje pode ser homologado a afundar barcaças com migrantes africanos em pleno Mar Mediterrâneo. Corresponde à psicanálise e aos psicanalistas saber como interpretar estes acontecimentos que, a meu ver, a psicanálise tem contribuído, de forma indireta, mas progressiva, a criar.

O signo, o sentido, o simbólico

O sentido caiu em desgraça há vários anos dentro do lacanismo e considero que o Simbólico seguiu a mesma senda, e que o descrédito do sentido e do Simbólico

foi o caminho necessário para a inabilitação do Inconsciente e de tanta canalhice simbólica do P.

Está na moda - pode-se dizer - prescindir do Simbólico como se essa prescindência garantisse a vigência do ato. Bem pelo contrário, acredito que não há ato, a partir da psicanálise, que não seja suportado por um Simbólico. **Considero que fazer-nos subtrair de um Simbólico não nos conduz a uma clínica do Real, a uma clínica mais eficiente, mas nos desloca para uma nova versão da sugestão.**

Uma amostra desta carência de Simbólico - não digo falta, digo carência - é um pensamento sustentado em slogans mais próximos da mindfulness que da psicanálise. Porque é no registro do Simbólico, tal como afirma Lacan, onde encontramos a falta como o que articula a estrutura, o buraco, como o central do Simbólico.

O menosprezo pelo Simbólico, a meu ver, não implicou em interrogar a dimensão de sua incompletude, nem pôr em xeque o saber enciclopedista. O menosprezo pelo Simbólico visa minimizar os efeitos de privação, frustração e castração como operações de constituição do sujeito barrado. **Fazer faltar no Simbólico é uma função fundamental do objeto.**

E… Como se articula isso, ou seja, a política da psicanálise com a Política das Nações, dos Estados, dos Mercados? Porque em ambas as políticas o funcionamento é através da palavra, com o sentido. O grande P também é filho da linguagem e da língua.

Como disse Anabel Salafia, há certo tempo, em um painel em que ela participou, a psicanálise não é uma língua, muito menos uma linguagem, a psicanálise é um discurso que implica em um determinado laço social.

<u>Vamos tomar um caso</u>

Em maio deste ano, Juan José Becerra escreveu uma excelente matéria sobre o assassinato, nas mãos da polícia, de quatro jovens, três deles entre 13 e 14 anos e um deles de 22. Somente se salvou, depois de estar próxima da morte, a quinta ocupante do carro onde todos viajavam, uma jovem de 14 anos. Aconteceu em uma localidade da província de Buenos Aires, chamada San Miguel del Monte.

Os meios hegemônicos de comunicação, cúmplices do governo atual, chamaram esse acontecimento "A tragédia de San Miguel del Monte", como se se tratasse de um evento natural inevitável.

Juan José Becerra, agudo jornalista e escritor de nosso país, escreveu essa excelente matéria e a intitulou **"Impulso animal".** Nesse texto, ele denuncia a caçada policial à qual os jovens foram submetidos.

Becerra, em uma das orações do artigo diz: **"Em um Fiat 147 (um carrinho que deixou de ser fabricado em 1996) há fraqueza social"** e diz que os policiais nunca teriam atacado um Audi Q 7.

Vou me deter na frase **"Em um Fiat 147 há fraqueza social",** eu achei que era uma excelente enunciação… Porque conseguia mostrar que o instinto, se há algum, é automobilístico. Que a pulsão não tem objeto pré-formado, estabelecido, mas que a **suspeita está baseada fundamentalmente no signo.** Usar um carro

que não se fabrica mais desde 1996 é um signo irrefutável de que ali não há um perigo para quem espreita.

Foi reatualizado na cultura argentina o esporte da caça por parte das forças de segurança. O signo da pobreza convida a caçar. O porte físico garante que a segregação se torne, inexoravelmente, um ato de justiça por linchamento e executa-se… o que for preciso executar, a execução efetua-se sem nenhum processo prévio. Não é o mesmo um Fiat 147 que um Audi Q 7. Essa é a cultura de extermínio do pobre.

Se a política da psicanálise é a política do que se diz e como o grande P se expressa, ela subsiste também pelas palavras, há uma zona na qual alguém pode comover algo estabelecido pelo grande P, com a política da psicanálise. Becerra não pratica a psicanálise, mas nessa lituraterre das palavras, nesse mostrar como, ante o signo da campainha de Pavlov, o cachorro segrega saliva, do mesmo modo, frente ao Fiat 147 o caçador carrega sua arma. Mas isso não implica um sistema neurocognitivo, não, isso implica no magma da linguagem, da língua e do discurso. Porque como muito bem ensina Lacan, o cachorro saliva, mas o pesquisador é sujeito do mesmo experimento, o caçador se habilita em um discurso, por exemplo na doutrina Chocobar, para controlar, perseguir e castigar. Luis Chocobar é um ex agente da polícia que no dia 8 de junho de 2017 perseguiu e assassinou Juan Pablo Kucok, um jovem de 18 anos que acabava de assaltar e esfaquear um turista americano no bairro de La Boca. Chocobar abriu fogo quando Kucok estava de costas, e por isso foi imputado no processo judicial que teve a denominação de "Homicídio em excesso de cumprimento do dever". Atualmente, ele está livre, esperando a sentença. O presidente Macri o recebeu com honras na casa de governo, o que foi interpretado como uma habilitação às forças de segurança para abrir fogo à discrição. Essa habilitação é conhecida atualmente como "doutrina Chocobar".

Há muito tempo vi um gibi do qual nunca lembrei o autor, onde se viam os cachorrinhos e o Pavlov. No diálogo, o balão que saía da boca de um dos cachorrinhos dizia, falando para o outro: "Preste atenção, agora quando a gente salivar, ele vai tirar sua caderneta e vai tomar nota". É uma piada na qual fica claramente estabelecido que quem fala é o sujeito da experiência. E da grande Política devemos falar para não sermos considerados apenas como cachorrinhos salivantes.

Becerra, para escrever seu trabalho, baseou-se em Henri Bergson. Esta "tendência animal" que é a alteração da "tendência vital" bergsoniana me permitiu pensar novamente em que somos afortunados porque graças à política da psicanálise podemos falar da Política. E, talvez, até comover em algo as leis desta propriedade de caça em que vivemos, nossa cultura. Não caçam como animais, caçam com o gozo da ferocidade que só pode estar sustentada na lógica do discurso do ódio. E isso é humano, o mais humano.

A psicanálise, entendo, é essa forma particular de fazer a pergunta. A psicanálise é advertir a discordância naquilo que parece normal. A psicanálise é encontrar a estrutura naquilo que parece patológico. A psicanálise é descobrir o que não faz relação, é descobrir o sexo no dizer.